

VESTIBULAR

Novembro de 2011

Modelo A - Manhã

IDENTIFICAÇÃO DO CANDIDATO

— CADERNO DE PROVAS —

INSTRUÇÕES:

Este **Caderno de Provas** deve conter:

1. Um conjunto de páginas numeradas sequencialmente, contendo as seguintes provas:
 - Análise Verbal em Língua Portuguesa– **testes 01 ao 26.**
 - Redação: tema e folha para rascunho.
 2. Um **Cartão de Respostas**, com seu nome e número de inscrição.
- Você receberá a **folha para transcrever sua redação somente quando entregar o Cartão de Respostas.**
Lembre-se de que você deve reservar tempo suficiente para transcrever a sua redação.

ATENÇÃO:

- a. Confira o material recebido, verificando se as numerações dos testes e das páginas estão corretas.
- b. Confira se o seu nome e número de inscrição, no **Cartão de Respostas**, estão corretos.
- c. Leia atentamente cada teste e assinale, no **Cartão de Respostas**, a alternativa que mais adequadamente responda a cada um dos testes.
- d. Destaque **cuidadosamente** o **Cartão de Respostas** do caderno de prova, utilizando a serrilha indicada. Lembre-se de que o **Cartão de Respostas** não será substituído em hipótese alguma.
- e. O **Cartão de Respostas** não pode ser rasgado, dobrado, amassado, rasurado ou conter qualquer registro fora dos locais destinados às respostas.
- f. No **Cartão de Respostas**, a marcação das letras correspondentes às respostas certas deve ser feita cobrindo a letra e preenchendo toda a bolha, conforme exemplo no próprio cartão.
- g. Use lápis 2B, caneta com tinta preta ou azul.
- h. Em hipótese alguma utilize caneta com tinta vermelha, laranja ou roxa.
- i. Marque apenas uma opção por teste.
- j. O computador não registrará marcação de resposta onde houver falta de nitidez ou mais de uma alternativa assinalada em um mesmo teste.
- k. Se houver necessidade de apagar a resposta, faça com o máximo de cautela, evitando deixar sombras.
- l. Não é permitido destacar qualquer folha deste caderno, com exceção do **Cartão de Respostas**.
- m. Se você precisar de algum esclarecimento, solicite-o ao **Monitor**.
- n. Você dispõe de três horas para fazer esta prova, **incluindo o tempo para transcrever sua redação.**

Obrigada pela escolha e

BOA PROVA!

A Comissão do Vestibular

Utilize o texto abaixo para responder aos testes 1 a 4.

Segurança

O ponto de venda mais forte do condomínio era a sua segurança. Havia as belas casas, os jardins, os playgrounds, as piscinas, mas havia, acima de tudo, segurança.

Toda a área era cercada por um muro alto. Havia um portão principal com muitos guardas que controlavam tudo por um circuito fechado de TV. Só entravam no condomínio os proprietários e visitantes devidamente identificados e crachados.

Mas os assaltos começaram assim mesmo. Ladrões pulavam os muros e assaltavam as casas.

Os condôminos decidiram colocar torres com guardas ao longo do muro alto. Nos quatro lados. As inspeções tornaram-se mais rigorosas no portão de entrada. Agora não só os visitantes eram obrigados a usar crachá. Os proprietários e seus familiares também. Não passava ninguém pelo portão sem se identificar para a guarda. Nem as babás. Nem os bebês.

Mas os assaltos continuaram.

Decidiram eletrificar os muros. Houve protestos, mas no fim todos concordaram. O mais importante era a segurança. Quem tocasse no fio de alta tensão em cima do muro morreria eletrocutado. Se não morresse, atrairia para o local um batalhão de guardas com ordens de atirar para matar.

Mas os assaltos continuaram.

Grades nas janelas de todas as casas. Era o jeito. Mesmo se os ladrões ultrapassassem os altos muros, e o fio de alta tensão, e as patrulhas, e os cachorros, e a segunda cerca, de arame farpado, erguida dentro do perímetro, não conseguiriam entrar nas casas. Todas as janelas foram engradadas.

Mas os assaltos continuaram.

Foi feito um apelo para que as pessoas saíssem de casa o mínimo possível. Dois assaltantes tinham entrado no condomínio no banco de trás do carro de um proprietário, com um revólver apontado para a sua nuca. Assaltaram a casa, depois saíram no carro roubado, com crachás roubados. Além do controle das entradas, passou a ser feito um rigoroso controle das saídas. Para sair, só com um exame demorado do crachá e com autorização expressa da guarda, que não queria conversa nem aceitava suborno.

Mas os assaltos continuaram.

Foi reforçada a guarda. Construíram uma terceira cerca. As famílias de mais posses, com mais coisas para serem roubadas, mudaram-se para uma chamada área de segurança máxima. E foi tomada uma medida extrema. Ninguém pode entrar no condomínio. Ninguém. Visitas, só num local predeterminado pela guarda, sob sua severa vigilância e por curtos períodos.

E ninguém pode sair.

Agora, a segurança é completa. Não tem havido mais assaltos. Ninguém precisa temer pelo seu patrimônio. Os ladrões que passam pela calçada só conseguem espiar através do grande portão de ferro e talvez avistar um ou outro condômino agarrado às grades da sua casa, olhando melancolicamente para a rua.

Mas surgiu outro problema.

As tentativas de fuga. E há motins constantes de condôminos que tentam de qualquer maneira atingir a liberdade. A guarda tem sido obrigada a agir com energia.

(VERÍSSIMO, Luís Fernando. *Comédias para se ler na escola*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001, 97-99)

1. Analise estas afirmações sobre a crônica “Segurança”.

- I – Considerando-se as características desse gênero textual, o título mostra-se incoerente em relação ao contexto.
II – Verifica-se efeito de humor, típico de crônicas, na passagem “Não passava ninguém pelo portão sem se identificar para a guarda. Nem as babás. Nem os bebês.”
III – A sucessiva instalação de aparatos de segurança demonstra a impotência dos moradores em relação à proteção do patrimônio.

Está(ão) correta(s)

- (a) Apenas I.
(b) Apenas II.
(c) Apenas III.
(d) Apenas I e II.
(e) Apenas II e III.

2. As consequências sofridas pelos moradores do condomínio da crônica “Segurança” são semelhantes às ocorridas com o(s) personagem(ns) na tira/charge:

(a)



(Folha de São Paulo, 28/04/2011)

(b)



(<http://www.ivancabral.com/2010/03/charge-do-dia-olha-bala.html>)

(c)



(adaptado de Folha de São Paulo, 16/03/2007)

(d)

LA VIE EN ROSE - Adão Iturrusgarai



(Folha de São Paulo, 26/02/2004)

(e)



(http://depositodocalvin.blogspot.com)

3. A reiteração da frase “Mas os assaltos continuaram”, ao longo da crônica, tem como objetivo

- (a) demonstrar a surpresa dos moradores a cada novo assalto.
- (b) produzir no leitor a sensação de prolongamento do tempo.
- (c) dar ritmo ao texto, criando o efeito do clímax da narrativa.
- (d) promover uma crítica direta às autoridades responsáveis pela segurança no país.
- (e) enfatizar a ineficácia dos aparatos de segurança adotados no condomínio.

4. O recurso da indeterminação do sujeito, conforme preconiza a gramática normativa, pode ser encontrado em

- (a) “Havia as belas casas, os jardins,”
- (b) “Só entravam no condomínio os proprietários...”
- (c) “Decidiram eletrificar os muros...”
- (d) “Quem tocasse no fio de alta tensão...”
- (e) “Ninguém precisa temer pelo seu patrimônio...”

Utilize o texto abaixo para responder ao teste 5.

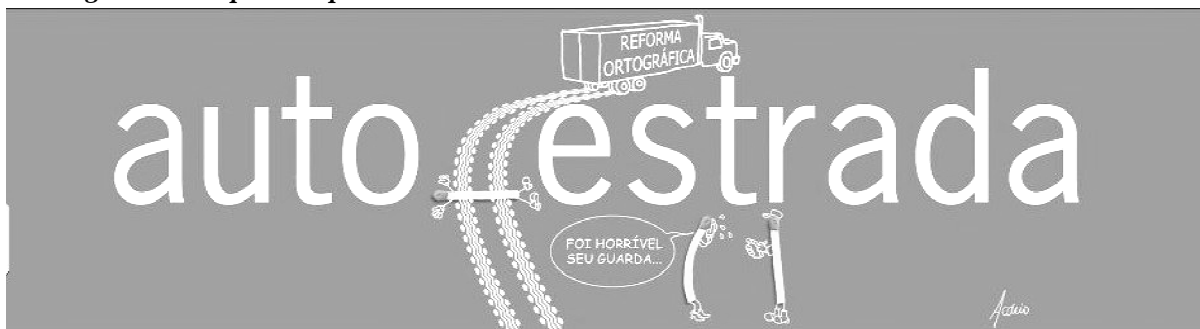


(Folha de São Paulo, 03/08/2011)

5. Considerando-se os elementos verbais e visuais da charge, conclui-se que o humor decorre do(a)

- (a) crítica despropositada feita a um livro considerado um clássico da literatura universal.
- (b) duplo sentido que a palavra “barata” adquire no contexto do último quadrinho da tirinha.
- (c) ambiguidade do substantivo “impressão”, presente no segundo quadrinho.
- (d) explícita referência intertextual que ocorre no primeiro quadrinho da tira.
- (e) traço caricatural das personagens que as aproxima do conteúdo do livro mencionado.

Utilize a imagem abaixo para responder ao teste 6.



(http://educacao.uol.com.br/album/tiras_reforma_album.jhtm#fotoNav=15)

6. Na imagem acima, o cartunista brinca com a reforma ortográfica. Com relação ao emprego do hífen, todas as palavras estão de acordo com as novas regras, **EXCETO**

- (a) mega-empresa
- (b) autorretrato.
- (c) autoajuda.
- (d) micro-ondas.
- (e) anti-inflamatório.

Utilize o texto abaixo para responder aos testes 7 a 10.

A última romântica

Cigarros, isqueiros, copos com drinques coloridos, garrafas vazias - de vodca, do licor de coco Malibu... Às flores, velas, retratos e mensagens de praxe os fãs acrescentaram em frente à casa de Amy Winehouse esses objetos que dão prazer, podem viciar e fazem mal à saúde. Para além da homenagem, era uma forma de participar do universo de excessos da cantora.

É curioso o apelo de Amy num mundo conservador, cada vez mais antitabagista e alerta para os riscos das drogas - um mundo onde vamos sendo ensinados a comprar produtos sem gordura trans e onde até as garotas de esquerda consomem horas dentro da academia.

Numa época em que as pessoas são estimuladas a abdicar de certos prazeres na expectativa de durar bastante, simplesmente para durar, Winehouse fez o roteiro oposto - intenso, autodestrutivo, suicida.

Sob o aspecto clínico, era uma viciada grave, necessitando desesperadamente da ajuda que insistia em recusar. Uma de suas canções mais famosas trata exatamente disso.

Amy foi presa fácil do jornalismo de celebridades, voltado à escandalização da intimidade dos famosos (quanto pior, melhor). Foi também, num tempo improvável, a herdeira de Janis Joplin, morta aos 27 em 1970, e de Billie Holiday, morta aos 44, em 1959, ambas por overdose.

Como suas antecessoras, Amy leva ao extremo o éthos romântico - do artista que vive em conflito permanente e se rebela contra o curso prosaico e besta do mundo. Na sua figura atormentada e em constante desajuste, o autoflagelo quase sempre se confunde com o ódio às coisas que funcionam. Numa cultura inteiramente colonizada pelo dinheiro e que convida à idolatria, fazer sucesso parecia uma espécie de vexame e de vileza, o supremo fiasco existencial, contra o qual era preciso se resguardar.

Nisso Amy evoca os gênios do romantismo tardio - Lautréamont, Rimbaud e outros poetas do inferno humano, que tinham plena consciência da vergonha de dar certo.

(SILVA, Fernando de Barros e. **Folha de São Paulo**, 26/07/2011)

7. A relação entre o título e as ideias expostas nesse artigo evidenciam que o autor

- (a) pretende mobilizar os jovens de maneira que eles passem a incorporar hábitos saudáveis em seu cotidiano.
- (b) considera que a cantora Amy Winehouse encarnava uma personagem exótica apenas para conquistar a fama.
- (c) propõe que a morte de Amy Winehouse deva servir de alerta às celebridades que adotam estilo de vida destrutivo.
- (d) tenciona estimular a criação de campanhas que combatam o tabagismo, o alcoolismo e o uso de entorpecentes.
- (e) constata que as atitudes autodestrutivas não são exclusivas de artistas do mundo contemporâneo.

8. Considere esta definição:

Pressupostos são conteúdos implícitos que decorrem de uma palavra ou expressão presente no ato de fala produzido. O pressuposto é indiscutível tanto para o falante quanto para o ouvinte, pois decorre, necessariamente, de um marcador linguístico, diferentemente de outros implícitos (os subentendidos), que dependem do contexto, da situação de comunicação.

(Adaptado de FIORIN, J. L. O dito pelo não dito. In: *Língua Portuguesa*, ano I, n. 6, 2006. p. 36-37.)

A passagem do texto "A última romântica" em que a palavra sublinhada instaura um pressuposto é

- (a) "... esses objetos que dão prazer, podem viciar e fazem mal à saúde."
- (b) "... era uma forma de participar do universo de excessos da cantora."
- (c) "... onde até as garotas de esquerda consomem horas dentro da academia."
- (d) "Sob o aspecto clínico, era uma viciada grave..."
- (e) "Como suas antecessoras, Amy leva ao extremo o éthos romântico..."

9. Se a frase "Nisso Amy evoca os gênios do romantismo tardio" for reescrita na voz passiva analítica, a forma verbal correta será

- (a) são evocados.
- (b) evocam-se.
- (c) foram evocados.
- (d) tinham evocado.
- (e) eram evocados.

10. Em "É curioso o apelo de Amy num mundo conservador...", o termo em destaque, no contexto em que ocorre, significa

- (a) invocação.
- (b) sensacionalismo.
- (c) doutrina.
- (d) sedução.
- (e) resignação.

Utilize o excerto abaixo para responder ao teste 11.

Vagabundo

*Eu durmo e vivo ao sol como um cigano,
Fumando meu cigarro vaporoso;
Nas noites de verão namoro estrelas;
Sou pobre, sou mendigo e sou ditoso!*

*Ando roto, sem bolsos nem dinheiro;
Mas tenho na viola uma riqueza:
Canto à lua de noite serenatas,
E quem vive de amor não tem pobreza.*

(...)

(Álvares de Azevedo)

11. A visão de mundo expressa pelo eu lírico nos versos de Álvares de Azevedo revela o(a)

- (a) desequilíbrio do poeta adolescente e indeciso, que não é capaz de amar uma mulher nem a si próprio.
- (b) valorização da vida boêmia que proporciona um outro tipo felicidade, desvinculada de valores materiais.
- (c) postura acrítica que o poeta tem diante da realidade, seja em relação ao amor, seja em relação à vida social.
- (d) lamento do poeta que leva a vida peregrina e pobre, sem bens materiais e nenhuma forma de felicidade.
- (e) constatação de que a música é o único expediente capaz de levá-lo à obtenção de recursos materiais.

Utilize o excerto abaixo para responder ao teste 12.

Há anos, quando se anunciou que haveria um "Rock in Rio 2", jovens começaram a circular pela cidade usando camisetas com o símbolo do "Rock in Rio 1" e uma frase dizendo: "I was". Ou seja: "Eu era". Perguntei-me: por que "Eu era"? No começo, escapou-me a relação entre a imagem e a inscrição. Claro que, depois de árduo exercício intelectual, deduzi que a camiseta queria dizer "Eu fui" ou "Eu estava lá" (no "Rock in Rio 1"), caso em que o correto em inglês seria "I went" ou "I was there". (...) E viva o verbo tó bé.

(CASTRO, Ruy. **Folha de São Paulo**, 03/09/2011)

12. A afirmativa que melhor resume a ideia central do autor no artigo é

- (a) O uso abusivo de estrangeirismos deve ser combatido porque favorece a decadência da língua portuguesa.
- (b) Os empréstimos linguísticos representam um fenômeno legítimo e enriquecedor da dinâmica do português.
- (c) A incorporação de neologismos e anglicismos torna o uso da língua criativo e versátil.
- (d) Os anglicismos estão longe de ser inofensivos, pois podem prejudicar o nosso próprio idioma.
- (e) Estrangeirismos, usados como manifestações de status, podem representar uma armadilha para quem não os domina.

Utilize o texto abaixo para responder ao teste 13.

HÁ DUAS SEMANAS, foram divulgados novos dados sobre o desempenho dos nossos estudantes. Os resultados foram comentados à exaustão nos jornais, sites etc. Solidários, diversos meios de comunicação se aliaram aos alunos, ou seja, demonstraram que também tropeçam no trato com a língua.

Começamos por um título (de um site), que terminava assim: "... preferem português à matemática". (...) No título, usou-se a construção formal, mas...

(NETO, Pasquale Cipro. **Folha de São Paulo**, 08/09/2011)

13. Considere estas afirmações:

I – O adjetivo “solidários”, no contexto em que ocorre, deve ser compreendido conotativamente, já que se trata de uma ironia.

II - Do ponto de vista da gramática normativa, há um erro de regência no título do site, uma vez que o verbo “preferir” rejeita o uso da preposição “a”.

III - No último período, ao empregar a conjunção adversativa “mas”, o autor sugere a ocorrência de “tropeço” gramatical no título do site.

Está(ão) correta(s)

- (a) I, II e III.
- (b) Apenas I e II.
- (c) Apenas I e III.
- (d) Apenas II e III.
- (e) Apenas I.

Utilize o texto abaixo para responder ao teste 14.

Esporte

BOLÃO DO BRASILEIRÃO | LUTAS | FÓRMULA 1



Empolgado com Rio
**Presidente do UFC prevê
 abrir escritório no Brasil e
 evento na Rocinha**

(www.uol.com.br, acesso em 30/08/2011)

14. A alternativa que corrige a falha de paralelismo gramatical existente na manchete, mantendo o mesmo sentido, é:

- (a) Presidente do UFC prevê abertura de escritório no Brasil e fazer evento na Rocinha.
- (b) Presidente do UFC prevê que escritório seja aberto no Brasil e evento na Rocinha.
- (c) Presidente do UFC prevê que abertura de escritório no Brasil crie evento na Rocinha.
- (d) Presidente do UFC prevê abrir escritório no Brasil e realizar evento na Rocinha.
- (e) Presidente do UFC prevê escritório no Brasil ou evento na Rocinha.

Utilize o excerto abaixo para responder ao teste 15.

(...)

O segundo exemplo é de conhecimento de muitos: uma peça publicitária que, para enaltecer as qualidades de um carro, compara dois atores, um considerado um grande ator e o outro, um ator grande. Nesse comercial, é um brasileiro que se presta a ocupar o lugar de ator grande (com atuação considerada muito ruim em sua profissão). Foi dessa maneira que ele saiu do ostracismo e voltou a ser "famoso".

Muitos jovens enalteceram a coragem do moço, sua beleza e o dinheiro que ele ganhou para fazer parte dessa campanha. (...)

(SAYÃO, Rosely. **Folha de São Paulo**, 13/09/2011)

15. No excerto acima, ao fazer um jogo de palavras com “ator grande” e “grande ator”, a autora produz diferentes efeitos de sentido. A alteração da ordem das palavras só **NÃO** produz mudanças de sentido em:

- (a) pobre homem.
- (b) estrela esportista.
- (c) poesia simples.
- (d) novo modelo.
- (e) homem algum.

Utilize o período abaixo para responder ao teste 16.

Ah, Scarlett, mulher sinestesia, seu nome tem o som da cor dos seus lábios: Scarlet, scarlet, escarlate.

(Álvaro Pereira Júnior, em referência à atriz Scarlett Johansson. **Folha de São Paulo**, 17/09/2011)

16. O que melhor explica o aposto “mulher sinestesia” atribuído à atriz é o(a)

- (a) jogo de palavras com apelo sonoro ao final do período.
- (b) enumeração ascendente que intensifica a ideia relacionada à cor vermelha.
- (c) junção de planos sensoriais diferentes numa só impressão.
- (d) modo exagerado e dramático como o autor se refere à beleza da atriz.
- (e) personificação dos lábios da mulher, atribuindo-lhe vida própria.

Utilize o texto abaixo para responder ao teste 17.

A morte do lápis e da caneta

Boa notícia para as crianças americanas. Vai ficando optativo, nos Estados Unidos, escrever em letra de mão. Um dos últimos a se renderem aos novos tempos é o Estado de Indiana, que aposentou os cadernos de caligrafia agora em julho.

O argumento é que ninguém precisa mais disso: as crianças fazem tudo no computador e basta ensinar-lhes um pouco de digitação. Depois do fim do papel, o fim do lápis e da caneta! Tem lógica, mas acho demais. Sou o primeiro a reclamar das inutilidades impostas aos alunos durante toda a vida escolar, mas o fim da escrita cursiva me deixa horrorizado.

A máquina de calcular não eliminou a necessidade de se aprender, ao menos, a tabuada; não aceito que o teclado termine com a letra de mão.

A questão vai além do seu aspecto meramente prático. A letra de uma pessoa é como o seu rosto. Como todo mundo, gosto de ver como é a cara de um escritor, de um político, de qualquer personalidade com quem estou travando contato - e logo os e-mails virão com o retrato do remetente, como já acontece no Facebook.

(COELHO, Marcelo. **Folha de São Paulo**, 20/07/2011)

17. Nesse artigo, o autor se propõe a **contradizer** a tese de que escrita cursiva

- (a) represente um traço de identidade dos indivíduos.
- (b) seja obsoleta num mundo imerso na cultura digital.
- (c) constitua importante ferramenta pedagógica que estimula o raciocínio.
- (d) ainda apresente alguma utilidade no mundo moderno, imerso na tecnologia.
- (e) continue a ser ensinada nas escolas porque os cadernos foram substituídos pelo computador.

Utilize os textos abaixo para responder ao teste 18.

Texto I

sic - Em latim, significa assim. Expressão usada entre colchetes ou parênteses no meio ou no final de uma declaração entre aspas, ou na transcrição de um documento, para indicar que é assim mesmo, por estranho ou errado que possa ser ou parecer.

(http://www1.folha.uol.com.br/folha/circulo/manual_texto_s.htm)

Texto II

A ministra da Cultura, Ana de Hollanda, recebeu um grupo de 50 manifestantes, que foram de ônibus a Brasília reclamar sobre a demora para receber os recursos do governo federal. (...)

Em nota divulgada ontem no site do Ministério da Cultura, Ana de Hollanda disse que o ministério "reconhece, valoriza e tem claro [*sic*] a necessidade da continuidade" do trabalho dos Pontos de Cultura. A nota, no entanto, não aponta quando o problema deve ser resolvido.

(**Folha de São Paulo**, 23/02/2011)

18. Considerando-se as informações apresentadas nos textos, é correto afirmar que o motivo da inclusão do “sic”, no Texto II, é apontar uma falha de

- (a) concordância nominal, já que o adjetivo “claro” deveria estar no feminino para concordar com o substantivo “necessidade”.
- (b) regência nominal, pois o “a”, antes do substantivo “necessidade”, deveria receber acento grave para indicar a ocorrência de crase.
- (c) pontuação, uma vez que se omitiu a vírgula obrigatória para separar as orações coordenadas presentes nesse período.
- (d) acentuação gráfica, já que o verbo “ter”, presente na expressão “tem claro”, deveria receber acento circunflexo.
- (e) coesão textual, pois, nessa construção, é obrigatória a inclusão do conectivo “que” para ligar a oração principal à oração subordinada.

Utilize o texto abaixo para responder ao teste 19.

Se apresentar problema mecânico, trem de ferro descarrila. O desastre é escândalo e noticiado em todos os meios de comunicação de massa. Em fins de julho, na China, dois vagões de um trem saíram do trilho e despencaram lá do alto do viaduto. 32 pessoas mortas. Semelhante à escultura de José Resende, a foto do acidente é trágica e bela. No entanto, desacreditou em parte um bem montado programa de modernização do país asiático.

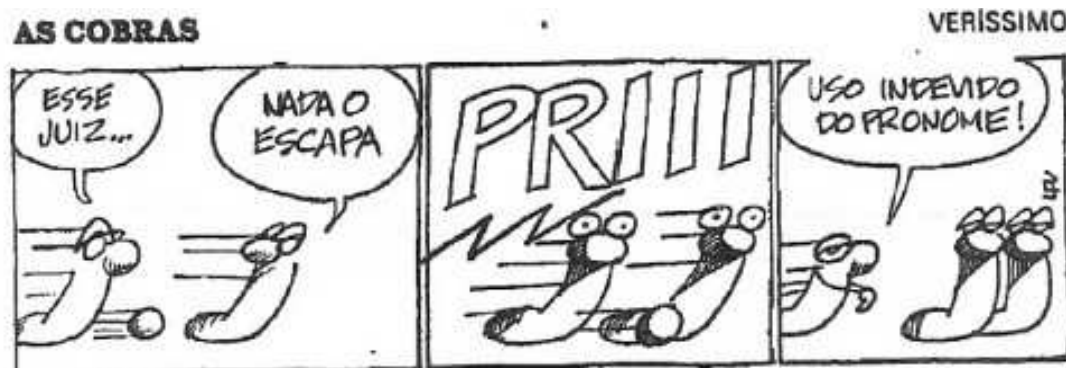
Quando a obra de artista ambicioso vem bamboleando na bitola estreita da mesmice, ele deve dar-se conta de que a locomotiva que conduz apresenta sérias avarias. O maquinista tem de assumir ou não o risco do acidente regenerador. A assombrar o planejamento do futuro livro, o descarrilamento estético pode revigorar a obra literária à beira da insipidez. Tramas e personagens criados em obras anteriores morrem no desastre anunciado, que gera a fagulha propulsora da criação ousada, cuja escrita será um risco. Em virtude do ramerrame em que a locomotiva vinha sendo conduzida, os olhos do leitor crítico, já tomados pela malícia, serão surpreendidos. O julgamento sairá estampado nos jornais.

(SANTIAGO, Silviano. O Estado de São Paulo, 17/08/2011)

19. No texto acima, o autor recorre à alegoria para argumentar

- (a) que os escritores devem evitar a ousadia para garantir aprovação.
- (b) a favor da necessidade de se programar uma literatura moderna e globalizada.
- (c) contra o mercado editorial contemporâneo que não dá espaço aos jovens escritores.
- (d) a favor da criação de um movimento literário que despreze planejamento.
- (e) que transcender velhos clichês literários e inovar envolve riscos.

Utilize o texto abaixo para responder ao teste 20.



(Jornal do Brasil, 01/04/1990)

20. O que motivou o apito do juiz foi

- (a) a necessidade de empregar a ênclise para seguir a norma padrão.
- (b) o uso de um objeto direto no lugar de um objeto indireto.
- (c) a opção pelo pronome pessoal oblíquo “o” em vez de “a”.
- (d) a obrigatoriedade da mesóclise nessa construção linguística.
- (e) a transgressão às regras de concordância nominal relacionadas ao pronome.

Utilize o texto abaixo para responder ao teste 21.



(Folha de São Paulo, 02/09/2011)

21. Para criticar a possível aprovação de um novo imposto pelos deputados, o cartunista adotou como estratégias
- (a) polissemia das palavras e onomatopeia.
 - (b) traços caricaturais e eufemismo.
 - (c) paradoxo e repetição de palavras.
 - (d) metonímia e círculo vicioso.
 - (e) preterição e prosopopeia.

22. Leia a tirinha a seguir.

Daiquiri, Caco Galhardo



(Folha de São Paulo, 11/06/2011)

- Os mesmos processos de formação dos termos em negrito aparecem, respectivamente, em
- (a) anoitecer, votação, inútil, violação e tristemente.
 - (b) retenção, suavidade, desmatamento, infelizmente e firmamento.
 - (c) enlatado, ajuda, remissão, dignidade e abolição.
 - (d) reação, geração, abstenção, lição e afrontamento.
 - (e) magreza, medidor, firmamento, dignidade e violação.

Utilize o texto abaixo para responder ao teste 23.

Dois e dois: quatro

*Como dois e dois são quatro
sei que a vida vale a pena
embora o pão seja caro
e a liberdade pequena.*

*Como teus olhos são claros
e a tua pele, morena
como é azul o oceano
e a lagoa, serena
como um tempo de alegria
por trás do terror me acena
e a noite carrega o dia
no seu colo de açucena
– sei que dois e dois são quatro
sei que a vida vale a pena
mesmo que o pão seja caro
e a liberdade, pequena.*

(Ferreira Gullar)

23. Assinale a alternativa em que se analisa corretamente o sentido dos versos de Ferreira Gullar.
- (a) A partir de uma visão niilista, o poeta encara as dificuldades existenciais que enfrenta como insolúveis.
 - (b) A visão determinista do poeta define o seu destino em relação à amada, tal como uma operação matemática.
 - (c) Trata-se de um poema com discurso panfletário contra os problemas sociais e a falta de liberdade no país.
 - (d) No poema, o eu lírico tem consciência dos problemas, mas se norteia pela certeza da validade da vida.
 - (e) O poeta tem convicção da validade da vida, mas hesita diante da projeção de um ideal a ser alcançado.

Utilize o texto abaixo para responder aos testes 24 a 26.

A TERCEIRA MARGEM DO RIO

Nosso pai era homem cumpridor, ordeiro, positivo; e sido assim desde mocinho e menino, pelo que testemunharam as diversas sensatas pessoas, quando indaguei a informação. Do que eu mesmo me alembro, ele não figurava mais estúrdio nem mais triste do que os outros, conhecidos nossos. Só quieto. Nossa mãe era quem regia, e que ralhava no diário com a gente - minha irmã, meu irmão e eu. Mas se deu que, certo dia, nosso pai mandou fazer para si uma canoa.

Era a sério. Encomendou a canoa especial, de pau de vinhático, pequena, mal com a tabuinha da popa, como para caber justo o remador. Mas teve de ser toda fabricada, escolhida forte e arqueada em rijo, própria para dever durar na água por uns 20 ou 30 anos. Nossa mãe jurou muito contra a ideia. Seria que, ele, que nessas artes não vadiava, se ia propor agora para pescarias e caçadas? Nosso pai nada não dizia. Nossa casa, no tempo, ainda era mais próxima do rio, obra de nem quarto de légua: o rio por aí se estendendo grande, fundo, calado que sempre. Largo, de não se poder ver a forma da outra beira. E esquecer não posso, do dia em que a canoa ficou pronta.

Sem alegria nem cuidado, nosso pai encalçou o chapéu e decidiu um adeus para a gente. Nem falou outras palavras, não pegou matula e trouxa, não fez a alguma recomendação. Nossa mãe, a gente achou que ela ia esbravejar, mas persistiu somente alva de pálida, mascou o beço e bramou: - "Cê vai, ocê fique, você nunca volte!" Nosso pai suspendeu a resposta. Espiou manso para mim, me acenando de vir também, por uns passos. Temi a ira de nossa mãe, mas obedeci, de vez de jeito. O rumo daquilo me animava, chega que um propósito perguntei: - "Pai, o senhor me leva junto, nessa sua canoa?" Ele só retornou a olhar em mim e me botou a bênção, com gesto me mandando para trás. Fiz que vim, mas ainda virei, na grota do mato, para saber. Nosso pai entrou na canoa e desamarrou, pelo remar. E a canoa saiu se indo - a sombra dela por igual, feito um jacaré, comprida longa.

Nosso pai não voltou. Ele não tinha ido a nenhuma parte. Só executava a invenção de se permanecer naqueles espaços do rio, de meio a meio, sempre dentro da canoa, para dela não saltar, nunca mais. A estranheza dessa verdade deu para estarrecer de todo a gente. Aquilo que não havia, acontecia. Os parentes, vizinhos e conhecidos nossos se reuniram, tomaram juntamente conselho.

[...]

A gente teve de se acostumar com aquilo. Às penas, que, com aquilo, a gente mesmo nunca se acostumou, em si, na verdade. Tiro por mim, que, no que queria, e no que não queria, só com nosso pai me achava: assunto que jogava para trás meus pensamentos. O severo que era, de não se entender, de maneira nenhuma, como ele aguentava. De dia e de noite, com sol ou aguaceiros, calor, sereno, e nas friagens terríveis de meio-do-ano, sem arrumo, só com o chapéu velho na cabeça, por todas as semanas, e meses, e os anos - sem fazer conta do se-ir do viver. Não pojava em nenhuma das duas beiras, nem nas ilhas e croas do rio, não pisou mais em chão nem capim.

[...]

Sou homem de tristes palavras. De que era que eu tinha tanta, tanta culpa? Se o meu pai, sempre fazendo ausência: e o rio-rio-rio, o rio - pondo perpétuo. Eu sofria já o começo de velhice - esta vida era só o demoramento. Eu mesmo tinha achaques, ânsias, cá de baixo, cansaços, perrengue de reumatismo. E ele? Por quê? Devia de padecer demais. De tão idoso, não ia, mais dia menos dia, fraquejar do vigor, deixar que a canoa emborcasse, ou que bubuiasse sem pulso, na levada do rio, para se despenhar horas abaixo, em tororoma e no tombo da cachoeira, brava, com o fervimento e morte. Apertava o coração. Ele estava lá, sem a minha tranquilidade. Sou o culpado do que nem sei, de dor em aberto, no meu foro. Soubesse - se as coisas fossem outras. E fui tomando ideia.

Sem fazer véspera. Sou doido? Não. Na nossa casa, a palavra doido não se falava, nunca mais se falou, os anos todos, não se condenava ninguém de doido. Ninguém é doido. Ou, então, todos. Só fiz, que fui lá. Com um lenço, para o aceno ser mais.

Eu estava muito no meu sentido. Esperei. Ao por fim, ele apareceu, aí e lá, o vulto. Estava ali, sentado à popa. Estava ali, de grito. Chamei, umas quantas vezes. E falei, o que meurgia, jurado e declarado, tive que reforçar a voz: - "Pai, o senhor está velho, já fez o seu tanto... Agora, o senhor vem, não carece mais... O senhor vem, e eu, agora mesmo, quando que seja, a ambas vontades, eu tomo o seu lugar, do senhor, na canoa! . . ." E, assim dizendo, meu coração bateu no compasso do mais certo.

Ele me escutou. Ficou em pé. Manejou remo n'água, proava para cá, concordado. E eu tremi, profundo, de repente: porque, antes, ele tinha levantado o braço e feito um saudar de gesto - o primeiro, depois de tamanhos anos decorridos! E eu não podia... Por pavor, arrepiados os cabelos, corri, fugi, me tirei de lá, num procedimento desatinado. Porquanto que ele me pareceu vir: da parte de além. E estou pedindo, pedindo, pedindo um perdão.

Sofri o grave frio dos medos, adoeci. Sei que ninguém soube mais dele. Sou homem, depois desse falimento? Sou o que não foi, o que vai ficar calado. Sei que agora é tarde, e temo abreviar com a vida, nos rasos do mundo. Mas, então, ao menos, que, no artigo da morte, peguem em mim, e me depositem também numa canoinha de nada, nessa água que não para, de longas beiras: e, eu, rio abaixo, rio a fora, rio a dentro - o rio.

(ROSA, João Guimarães. *Primeiras Estórias*. Rio de Janeiro: José Olympio, Civilização Brasileira, Três, 1974, p. 51-56).

24. A respeito da reação da mãe, diante da decisão do marido, é correto afirmar que ela
- (a) revela indignação, uma vez que não compreende o motivo da atitude do marido.
 - (b) demonstra apatia, visto que tal atitude não mudou radicalmente a rotina familiar.
 - (c) manifesta desespero, pois a canoa construída parecia muito frágil para um rio tão perigoso.
 - (d) demonstra desgosto, pois aquilo comprovava a suspeita de que ele enlouquecera.
 - (e) mostra-se revoltada, porque o marido usou dos recursos financeiros da família para construir o barco.

25. Considere as afirmações sobre o narrador no conto “A Terceira Margem do Rio”

- I. Como é personagem e narrador ao mesmo tempo, o filho exerce uma dupla função na narrativa, cujo objetivo é envolver afetivamente o leitor no fato narrado.
- II. O caráter contraditório do narrador é ilustrado em “Nosso pai não voltou. Ele não tinha ido a nenhuma parte.”
- III. Em “Seria que, ele, que nessas artes não vadiava, se ia propor agora para pescarias e caçadas?”, o narrador registra pensamentos íntimos dos personagens.

Está(ão) correta(s) apenas

- (a) I.
- (b) II.
- (c) III.
- (d) I e II.
- (e) I e III.

26. O sentimento de fracasso do narrador revelado no último parágrafo pela expressão "Sou homem, depois desse falimento?" tem como causa o acontecimento relatado em
- (a) "Temi a ira de nossa mãe, mas obedeci, de vez de jeito."
 - (b) "Pai, o senhor me leva junto, nessa sua canoa?"
 - (c) "Fiz que vim, mas ainda virei, na grota do mato, para saber."
 - (d) "Tiro por mim, que, no que queria, e no que não queria, só com nosso pai me achava: assunto que jogava para trás meus pensamentos."
 - (e) "Por pavor, arrepiados os cabelos, corri, fugi, me tirei de lá, num procedimento desatinado"

INSTRUÇÕES PARA A REDAÇÃO:

- a. A redação deve ser uma **dissertação em prosa**, com no máximo 30 linhas.
- b. Não é necessário escrever um título para a redação, o título é dado juntamente com a proposta-tema.
- c. Fuga do tema implica nota zero.
- d. Redações com menos de 10 linhas serão desconsideradas.
- e. A redação pode ser feita a lápis.
- f. Anotações na folha identificada como “Rascunho da Redação” não serão consideradas.
- g. Somente será considerado o que estiver escrito na folha pautada e com linhas numeradas para a redação.
- h. Escreva sua redação com letra legível.
- i. Não é permitido destacar a folha de rascunho da redação.

ATENÇÃO:

Você deve finalizar o seu texto e passá-lo para a folha de redação até o horário limite de provas (indicado no quadro na frente da sala).

Lembre-se de que você poderá retirar a folha para transcrever sua redação somente quando entregar o Cartão de Respostas preenchido.

Refleta sobre as ideias apresentadas nos textos a seguir e desenvolva uma **dissertação em prosa**.

Abordei no mês passado o caráter patológico dos suicídios, que tendem a ocorrer em séries. Sabe-se ainda que massacres do tipo Columbine também têm acontecido de forma epidêmica, como se um episódio engatilhasse o seguinte, seja pela celebridade imediata que confere aos seus perpetradores, seja pelo impacto que provoca na sociedade.

Agora vimos os saques em Londres varrer a Inglaterra de ponta a ponta também como numa pandemia. O que quer dizer tudo isso? Que, se antes éramos assolados por cólera, gripe espanhola e outras pragas, agora a grande moléstia que nos ameaça é uma coleção de epidemias comportamentais?

Talvez seja difícil entender esse tipo de violência que não está diretamente ligado exclusivamente à diferença social e à miséria, e declarações de David Cameron e da direita do Parlamento londrino de que esses atos são “puro crime” mostram quanto esses políticos estão fora de sintonia com a realidade.

Intelectuais e sociólogos que pesquisam a questão afirmam que a violência é sim uma epidemia, uma nova moléstia social, derivação das inúmeras patologias urbanas. Resta saber se será possível inventar uma “vacina” contra esse novo tipo de gripe espanhola.

http://www.istoe.com.br/colunas-e-blogs/colunista/42_PATRICIA+MELO

Mais bonzinhos do que nunca

Alguém que afirme que os últimos 100 anos foram os mais pacíficos da humanidade certamente não conhece história. Não sabe dos 55 milhões de mortos da Segunda Guerra Mundial, do extermínio de 6 milhões de judeus no Holocausto e do brutal desaparecimento, entre 2003 e 2010, de pelo menos 300 mil pessoas na guerra civil de Darfur, no Sudão. Isso sem falar do terrorismo, que, apenas neste século que se inicia, já matou milhares nos Estados Unidos, na Europa e em dezenas de países da Ásia e do Oriente Médio. Se isso tudo parece distante, ainda há a violência urbana: os moradores das grandes metrópoles se sentem crescentemente assediados por vândalos, assassinos e ladrões. A sensação de que a violência permeia nossa vida (reforçada pelo fato de que vivemos cercados de policiais ou seguranças) desafia qualquer um a defender o pacifismo, ainda que relativo, dos últimos 100 anos. O psicólogo canadense Steven Pinker não é tolo nem ignorante, mas se lançou à tarefa de demonstrar que o mundo nunca foi um lugar tão seguro para viver.

(...)

Para sustentar a tese de que nunca se matou tão pouco na história, Pinker muniu-se de dados que sugerem a tendência cada vez mais pacífica da humanidade. Os cálculos, na maior parte das vezes, são emprestados de outros especialistas, como do criminologista europeu Manuel Eisner. Pesquisando em arquivos históricos, Eisner constatou que as taxas de homicídios em países da Europa têm caído século após século. Na Londres do século XIV, a cada 100 mil habitantes, 50 morriam assassinados. Hoje, a mesma estatística em Londres é de dois assassinatos por 100 mil. Na Europa como um todo, o número de mortes violentas por 100 mil varia entre um e três

<http://revistaepoca.globo.com/ideias/noticia/2011/10/mais-bonzinhos-do-que-nunca.html>

Conforme indicado nas folhas de rascunho e de redação, utilize o **próprio tema** como **título** de sua dissertação.

Tema/Título: Violência, uma epidemia?

Tema/Título: Violência, uma epidemia?

4

RASCUNHO DA
REDAÇÃO

8

12

RASCUNHO DA
REDAÇÃO

16

20

RASCUNHO DA
REDAÇÃO

24

28

